



Espaço, *Metafísica* & Geografia: um contraponto producente entre a *Metageografia* e Heidegger

Luis Carlos Tosta dos Reis ¹  
Akylla Cozer Chiabai Silva ²  

Destaques

- O trabalho propõe a reabilitação da investigação ontológica na Geografia.
- O estudo visa contribuir para o desenvolvimento da proposta de uma *Geografia em bases ontológico-existenciais*.
- O texto estabelece um contraponto producente entre o pensamento de Heidegger e a *Metageografia*.

Resumo: O trabalho objetiva ampliar a possibilidade de se desenvolver uma *Geografia em bases ontológico-existenciais*, através do diálogo entre o pensamento de Heidegger e a Geografia, concentrando-se na problematização da proposta de uma *Metageografia marxista-lefeuvreana*. O texto foi sistematizado em duas partes, das quais a primeira visa ampliar o escopo da proposição de uma *Geografia em bases ontológico-existenciais* filiada ao pensamento de Heidegger, através da assimilação de um traço de fundamental importância intrínseco ao pensamento deste filósofo: a crítica à *Metafísica* e, mais especificamente, ao *conteúdo metafísico* que vigora no bojo da(s) ciência(s) moderna(s). Para tanto, o trabalho orienta-se, a partir da segunda parte, na apreciação crítico-constitutiva do conteúdo metafísico que se manifesta numa proposta de orientação teórico-metodológica específica cujo desenvolvimento encontra-se em curso na disciplina: a *Metageografia*. A metodologia utilizada, quanto à forma, consiste no exercício de revisão bibliográfica e, no que se refere ao seu conteúdo, na depuração dos atributos da proposta de uma *Metageografia* e do pensamento de Heidegger, restringindo-se aos elementos convergentes ao propósito do presente trabalho.

Palavras-chave: Ontologia do espaço; fenomenologia; Metageografia; Heidegger; Metafísica.

¹ Professor Adjunto do departamento de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGG - UFES).

² Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGG-UFES).

Este artigo foi selecionado entre os mais bem avaliados do V Congresso Brasileiro de Organização do Espaço (VCBOE), realizado entre os dias 06, 07, 08 e 09 de maio de 2025, na UNESP Rio Claro. Todos os artigos do evento foram revisados por pares no modelo simples anônimo e, os selecionados para esta publicação, foram submetidos a revisão editorial.



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

SPACE, METAPHYSICS & GEOGRAPHY: A PRODUCTIVE COUNTERPOINT BETWEEN METAGEOGRAPHY AND HEIDEGGER

Abstract: This article explores the idea of a geography based on ontological-existential foundations by engaging in a dialogue between Heidegger's philosophy and the discipline of geography, with particular focus on critically examining a Marxist-Lefebvrian metageography. The text is divided into two parts. The first extends the concept of an ontological-existential geography, aligned with Heidegger, by including a key element of his philosophy: the critique of metaphysics, particularly the metaphysical foundations that underpin modern sciences. The second part presents a critical and constructive evaluation of how this metaphysical content is presented within a specific theoretical and methodological approach currently prevalent in the field of metageography. Methodologically, the study combines (i) a review of existing literature, as a structural component, with (ii) a focused extraction of the main features of metageography and Heidegger's project, limiting the analysis to elements directly relevant to the article's objectives.

Keywords: Ontology of space; phenomenology; Metageography; Heidegger; Metaphysics.

ESPACIO, METAFÍSICA Y GEOGRAFÍA: UN CONTRAPUNTO PRODUCTIVO A TRAVÉS DEL DIÁLOGO ENTRE LA METAGEOGRAFÍA Y HEIDEGGER

Resumen: Este artículo tiene como objetivo explorar la idea de una geografía basada en fundamentos ontológicos-existenciales mediante un diálogo entre la filosofía de Heidegger y la disciplina de la geografía, con especial énfasis en el examen crítico de una *Metageografía marxista-lefebvriana*. El texto se divide en dos partes. La primera amplía el concepto de una geografía ontológico-existencial, en línea con Heidegger, al incluir un elemento clave de su filosofía: la crítica de la *Metafísica*, en particular los fundamentos metafísicos que sustentan las ciencias modernas. La segunda parte presenta una evaluación crítica y constructiva de cómo se presenta este contenido metafísico dentro de un enfoque teórico y metodológico específico actualmente prevaleciente en el campo de la *Metageografía*. Metodológicamente, el estudio combina (i) una revisión de la literatura existente, como componente estructural, con (ii) una extracción enfocada en las principales características de la *Metageografía* y el proyecto de Heidegger, limitando el análisis a elementos directamente relevantes para los objetivos del artículo.

Palabras clave: Ontología del espacio; fenomenología; Metageografía; Heidegger; Metafísica.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa contribuir ao debate sobre a ontologia na Geografia, sob as diretrizes do pensamento de Heidegger. Para tanto, propõe desenvolver uma via de problematização sobre o assunto através do diálogo entre o pensamento deste filósofo e a *Metageografia*, orientação teórico-metodológica

vinculada à *Geografia crítica-marxista*. O objetivo do trabalho consiste em problematizar o conteúdo *metafísico* que se revela intrínseco à proposta de uma *Metageografia* através da via de investigação ontológica filiada ao pensamento de Heidegger.

Essa perspectiva de problematização é tributária de uma retomada da interlocução dos geógrafos com o pensamento deste filósofo, radicalmente distinta da interpretação humanista que, via de regra, lhe foi imputada na história do pensamento da Geografia (Reis e Santos, 2024). Essa retomada foi trazida à tona na disciplina desde meados da década de 1980 (Pickles, 1985) e, nas décadas subsequentes, se desdobrou numa diversidade de contribuições, como atestam uma gama significativa de publicações de Stuart Elden (2004); Mikko Joronen (2010), dentre outras.

Na pesquisa brasileira em geografia também houve contribuições que se dedicaram nesse mesmo sentido, dentre as quais consulte-se Silva (2018); Reis (2012); Reis, Santos e Silva (2021); Zadorosny (2019); e Silva (2024), notadamente voltadas para encetar um diálogo renovado com Heidegger tendo como foco revolver a investigação ontológica na Geografia, constituindo uma via de investigação que está atualmente em curso, integrando, assim, o debate contemporâneo da disciplina.

Como será evidenciado ao longo do texto, é através da posição refratária que a *Metageografia* assume, abertamente, em relação à ontologia do espaço na Geografia que ela se expõe, de forma inadvertida, como uma orientação teórico-metodológica fecunda para evidenciar a relação intrínseca entre a investigação ontológica em uma ciência específica e a problematização de seu conteúdo *metafísico*, desde o significado estrito com o qual Heidegger interpreta a *Metafísica*.

Para amparar, desde a introdução os traços mais gerais através dos quais o texto será desenvolvido, cabe destacar dois elementos irredutíveis ao pensamento do filósofo: (i) “*A ontologia só é possível como fenomenologia*” (Heidegger, 2006; p.75) na medida mesma em que a “*fenomenologia é a ciência do ser dos entes - é ontologia*” (Heidegger, 2006; p.77); (ii) a *analítica do ser-aí* constitui “*o primeiro desafio à elaboração da questão do ser*” (Heidegger, 2006;

p.54), e, “[...] por isso que se deve procurar, na analítica existencial do ser-aí, a ontologia fundamental de onde todas as demais podem originar-se” (Heidegger, 2006, p. 49), o que incluiria, sob essa via, a ontologia do espaço na Geografia.

GEOGRAFIA EM BASES ONTOLÓGICO-EXISTENCIAIS A PARTIR DO PENSAMENTO DE HEIDEGGER: A PROBLEMATIZAÇÃO DA METAFÍSICA

A possibilidade de desenvolver uma *Geografia em bases ontológico-existenciais* se articula com a contribuição de geógrafos que dedicaram trabalhos no sentido de redimensionar o significado da relação entre a fenomenologia, “tradição” filosófica fundada por Husserl e desdobrada por expoentes da filosofia no século XX, e a ciência geográfica. Um marco dessa retomada remete à contribuição de John Pickles no livro *Phenomenology, Science and Geography: spatiality and the human sciences* de 1985, no qual é feita uma síntese abrangente do modo predominante com o qual a fenomenologia foi assimilada na Geografia.

O livro realiza uma revisão ampla do assunto na historiografia da disciplina; bem como uma revisão dos principais expoentes da filosofia fenomenológica, abarcando desde seu fundador, Husserl, bem como Sartre, Merleau-Ponty; Alfred Schütz e Heidegger. Desse modo, Pickles reconheceu que a forma predominante com a qual a fenomenologia foi assimilada na disciplina, em direta associação com a gênese da Geografia humanista na década de 1970, através das publicações de seus principais expoentes, (Yi-fu Tuan, E. Relph, A. Buttiner, etc), promoveu um perfil de interpretação da *fenomenologia* que Pickles designou sob o rótulo “*fenomenologia geográfica*”.

Esta interpretação se caracterizou, em linhas gerais, pela *adaptação* livre da fenomenologia às estruturas de significado dos conceitos básicos da Geografia e, mesmo, por uma submissão dos princípios da filosofia fenomenológica a estas estruturas. Dessa forma, a *fenomenologia geográfica* dos expoentes do horizonte humanista corresponderia a uma interpretação muito particular da fenomenologia: uma “*fenomenologia*” dos geógrafos, notadamente humanistas.

O contraste entre a “*fenomenologia geográfica*” típica do humanismo na Geografia e o significado da fenomenologia - formulada por Husserl e outros fenomenólogos - revelou para Pickles a necessidade de retomar a relação entre a Geografia e a fenomenologia, sob uma outra via: através de uma retomada do diálogo direto com os fenomenólogos (expoentes da fenomenologia), tendo em vista desenvolver uma assimilação da fenomenologia distinta da “*fenomenologia geográfica*” da Geografia humanista, desenvolvendo-se em consonância com as resoluções de base da fenomenologia.

Pickles designou essa via alternativa ao humanismo geográfico de *Geografia fenomenológica*: trata-se de uma via que, dentre outros atributos, apontava, sobretudo através da influência de Heidegger, na direção de uma *ontologia da espacialidade humana* na Geografia - o que Pickles entendia como um programa de investigação de larga envergadura. Doravante, a possibilidade do diálogo renovado dos geógrafos com a fenomenologia, para o qual o livro de Pickles representou um marco, seguiu seu curso, como atestam, dentre outras, as contribuições de Stuart Elden (2004), Mikko Joronen (2010); Silva (2018), que retomaram a interlocução com a fenomenologia para fomentar investigações dotadas de escopos temáticos de investigação específicos no plano interno da ciência geográfica.

O projeto de uma *Geografia em bases ontológico-existenciais* constitui uma modulação dessa interlocução renovada com a fenomenologia, tendo como especificidade, concentrar-se na investigação sobre o problema da fundamentação ontológica do espaço através da filiação estrita, no plano da fenomenologia, ao pensamento de Heidegger.

Essa orientação implica duas consequências intransponíveis: (i) acolher no plano interno da Geografia a necessidade de uma retomada expressa da elaboração da questão sobre o sentido de *ser*, como condição de possibilidade para liberar uma investigação ontológica sobre a espacialidade originária do *ser-aí (da-sein)* humano; (ii) evidenciar que, para tanto, torna-se indispensável que o geógrafo assuma a *análítica-existencial* do *ser-aí* humano como tarefa legítima ao escopo da investigação das bases ontológicas da Geografia.

Sob as diretrizes acima enunciadas foram realizados uma série de trabalhos (Reis e Santos, 2019; 2024; Silva, 2024; Reis, Santos & Silva, 2021; Santos, 2024; Zadorosny, 2019) que buscaram, por vias distintas, desenvolver a proposta de uma *Geografia em bases ontológico-existenciais*, cada qual considerando aspectos específicos da interface entre a Geografia e o pensamento de Heidegger. Um aspecto de fundamental importância para o pensamento do filósofo que, nos referidos trabalhos, foi tratado de forma indireta ou residual, diz respeito ao modo com o qual o filósofo interpelou a *Metafísica* legada pela tradição ocidental.

Essa interpelação da *Metafísica* pode, por sua vez, ser mais especificamente direcionada ao *conteúdo metafísico* que vigora, de acordo com Heidegger, no cerne das ciências modernas. O presente trabalho visa, nesse sentido, contribuir ao escopo de uma *Geografia em bases ontológico-existenciais* com o propósito específico de se dedicar ao aprofundamento da assimilação da crítica à *Metafísica* desenvolvida por Heidegger, tendo em vista sondar o **conteúdo metafísico** no âmbito da ciência geográfica. Para tanto, o texto irá problematizar o caso específico da *Metageografia*, uma proposta teórico-metodológica para a Geografia que se revelou peculiarmente fecunda para a investigação pretendida, em função da posição crítica que dispensa à própria legitimidade da ontologia do espaço na disciplina.

O SIGNIFICADO DA METAFÍSICA NO PENSAMENTO DE HEIDEGGER: BREVE EXPOSIÇÃO

Há um consenso amplamente reconhecido em relação a Heidegger: seu pensamento se concentra no propósito de despertar a necessidade de uma retomada expressa à elaboração concreta da questão sobre o *sentido do ser* em geral, enquanto traço irredutível que perpassa a integralidade de seu percurso filosófico. Também é amplamente aceito que *Ser e Tempo*, publicado em 1927, constitui sua “*obra magna*” e marco indelével para a filosofia fenomenológica do século XX. Trata-se de um livro cujo propósito é desenvolver o projeto de uma *Ontologia fundamental* que, através do método fenomenológico de investigação (§ .7), deflagra a tarefa da *elaboração da questão do sentido do ser*.

O modo com o qual o filósofo desdobrou sua questão cardeal **não** se deu, contudo, de forma monocórdia à *Ontologia fundamental* almejada por *Ser e Tempo*. Isso se revela patente em seus escritos a partir da década de 1930, quando seu pensamento incorre na famosa “*Kehre*” (viragem), que, segundo o filósofo, se manifesta desde a conferência “*Da Essência da Verdade*” pronunciada em 1930 (publicada em 1943).

Assim, no período posterior à “viragem” a questão diretriz sobre o *sentido de ser* conhecerá diversas modulações, como se revela articulada nos ensaios dedicados à *Questão da Técnica*; *a Ciência*; à *Superação da Metafísica*; ou nos livros sobre a *Origem da Obra de Arte*, *Introdução à Metafísica*, etc. Ao mesmo tempo, as conquistas estabelecidas em *Ser e Tempo* permaneceram indispensáveis para acompanhar a inteligibilidade de seu pensamento após a “viragem”, como registra a observação preliminar à 7a. edição, de 1953: “... o seu caminho [do pensamento em *Ser e Tempo*] **permanece ainda hoje um caminho necessário** sempre que a questão do ser tiver que mobilizar a nossa pre-sença [ser-aí/*Dasein humano*]” (Heidegger, 2006; p. 33).

As indicações acima se revelaram importantes, pois, sugere-se, há uma publicação do filósofo de meados da década de 1940, na qual a relação entre a *Metafísica* e a questão sobre o *sentido do ser* é expressamente trazida à tona: trata-se da *Carta Sobre o Humanismo*, livro publicado em 1947, com o propósito de dirimir os equívocos de interpretação que então acometiam *Ser e Tempo*, notadamente em relação ao modo com o qual o filósofo precisou considerar, em sentido amplo, a existência humana, tendo em vista a meta precípua de seu pensamento de retomar a questão sobre o sentido do ser. A *Carta Sobre o Humanismo* constitui, portanto, uma fonte privilegiada aos propósitos do presente texto, na medida em que oferece uma apresentação do significado estrito que a *Metafísica* possui para o filósofo através da referência direta e insigne à *Ser e Tempo*, como a citação abaixo endossa:

Toda determinação da essência do homem, que já pressupõe, em si mesma, uma interpretação do ente sem investigar - quer o saiba ou não - a questão [sobre o sentido] do Ser, é metafísica. Por isso, a característica própria de toda **metafísica** - e precisamente no modo com o qual

determina a essência do homem - é ser 'humanista'. [...]. **Ao determinar a humanidade do homem, o humanismo [a metafísica] não só não questiona a referência do Ser à essência do homem. Ela até impede tal questionamento uma vez que, devido à sua proveniência metafísica, nem o conhece nem o entende [...]** (Heidegger, 2009 [1947], p. 37, grifos nossos).

Nesse sentido o pensamento de Ser e Tempo é contra o humanismo [a metafísica]. Essa oposição, todavia, não significa que tal pensamento bandeie para o lado oposto ao humano e preconize o inumano, defende a desumanidade e degrade a dignidade do homem. Pensa-se *contra o humanismo [a metafísica] porque o humanismo [metafísica] não coloca bastante alto a humanitas do homem* (Heidegger, 2009 [1947], p. 50, grifos nossos).

A citação acima revela algo que, não obstante básico para o pensamento do filósofo, pode ser considerado, via de regra, insuspeito na ciência geográfica: a contraposição dispensada ao significado da *Metafísica* tem como correlato a necessidade de retomar a *questão sobre o sentido do ser*, para a qual as diretrizes contidas em *Ser e Tempo* permanecem um caminho indispensável. No plano interno de uma ciência, essa investigação integra o âmbito da investigação ontológica. No âmbito do caminho de pensamento de *Ser e Tempo*, que permanece indispensável para essa via de investigação, trata-se do procedimento metodológico (§.6) que conduz a tarefa de destruição (fenomenológica) da Ontologia (*Metafísica*) legada pela história da tradição do pensamento ocidental.

Disto resulta que, em se tratando dessa problemática a partir de uma ciência particular, no caso, a Geografia, torna-se incontornável compreender a necessidade de colocar radicalmente em questão a *Metafísica* (no sentido estrito indicado na passagem acima), como uma tarefa intrínseca ao escopo de sua investigação científica. Para tanto, é preciso sondar a vigência da *Metafísica* no plano interno da Geografia - cerne do presente trabalho. Ainda com base na passagem destacada da *Carta Sobre o Humanismo*, seria importante salientar que o significado da *Metafísica*, para Heidegger, não se limita (como a citação acima poderia induzir a pensar) apenas à interpretação do homem, mas abarca, sob a modalidade de pensamento prevalente veiculado pela historicidade da civilização-ocidental, a totalidade dos entes, isto é, para utilizar uma formulação

do filósofo: *o ente enquanto tal na totalidade*. Portanto, toda determinação conceitual dos objetos científicos que se efetive sem levar em consideração a necessidade de colocar expressamente em questão toda e qualquer interpretação categorial *pressuposta sobre o ser* dos objetos investigados incide - na terminologia do filósofo - numa representação *metafísica* dos objetos, representação esta que é extensiva à conceptualidade básica que as ciências dispõem para conduzir a investigação de seus objetos.

Embora não seja possível ampliar aqui essa discussão, registre-se que, para o filósofo, a ciência moderna, na condição de teoria do conhecimento fundada no esquematismo canônico da relação sujeito-objeto, constituiria uma matriz de representação *metafísica* da realidade no mundo moderno. No presente trabalho, importa problematizar a Geografia enquanto ciência “positiva” (no sentido de particular/ parcelar) que, em sua condição regular, veicularia - de acordo com Heidegger - uma representação *metafísica* de seu domínio de investigação, tributária de pressupostos ontológicos que estão à base mesma da determinação teórica de seu objeto de estudo, o espaço, bem como dos conceitos básicos (homem, natureza, sociedade, mundo, etc) que são articulados em suas investigações. É nesse sentido que a Metageografia foi entrevista como fecunda para ser problematizada, sobretudo, como será considerado no próximo item, em função de sua posição em relação à ontologia do espaço na Geografia.

ESPAÇO E METAFÍSICA NO HORIZONTE DA GEOGRAFIA CRÍTICA-MARXISTA: O CASO DA METAGEOGRAFIA

A *Metageografia* consiste num desdobramento direto do movimento de renovação crítica da Geografia que se verificou a partir da década de 1970. Como será visto, a gênese e desenvolvimento da renovação crítica fomentou uma via de incursão no debate sobre a ontologia do espaço na disciplina.

Importa salientar, preliminarmente, que o movimento de renovação crítica da Geografia se caracterizou, dentre outros atributos, pela heterogeneidade de filiações filosóficas que articulou no plano das discussões epistemológicas, abarcando uma pluralidade de perspectivas teóricas e combinações complexas, não se reduzindo, portanto, a uma filiação exclusiva ao

marxismo (Moreira, 2001[1981]; Moreira, 2007). Isso não implica, entretanto, desconsiderar a influência predominante do pensamento marxista (Corrêa, 2000; Gomes, 1996), na renovação crítica da Geografia:

O debate interno [veiculado pelo movimento de renovação] à Geografia prossegue durante as décadas de 70 e 80. A nova geografia e os paradigmas tradicionais são submetidos a severa crítica por parte de uma Geografia nascida de novas circunstâncias que passam a caracterizar o capitalismo. **Trata-se da Geografia Crítica, cujo vetor mais significativo é aquele calcado no materialismo histórico e na dialética marxista [...]** (Corrêa, 2000, p. 19, grifo nosso).

O nexo entre a constituição da Geografia crítica-marxista e o surgimento do debate sobre a ontologia do espaço se manifesta em uma obra emblemática da gênese da Geografia crítica-marxista: o livro de David Harvey “*A Justiça Social e a Cidade*”, de 1973, como atestam as passagens abaixo:

O argumento é ontológico, procurando resolver a questão: o que é o espaço? (HARVEY, 1980 [1973], p. 5. Grifos nossos).

Uma ontologia é uma teoria do que existe. Dizer, por isso, que alguma coisa tem status ontológico é dizer que existe. Marx desenvolve em seu trabalho certas suposições fundamentais a respeito do modo pelo qual a realidade está estruturada e organizada. Ollman o diz deste modo: ‘os pilares gêmeos da ontologia de Marx são sua concepção da realidade como uma totalidade de partes internamente relacionadas e sua concepção dessas partes como relações abertas, de tal modo que cada uma em sua plenitude pode representar a totalidade’ (Harvey, 1980 [1973], p. 248-249, grifos nossos).

A tradução do livro “*A justiça social e a cidade*” para o português, numa edição brasileira, foi feita por Armando Corrêa da Silva, considerado precursor da reflexão ontológica na pesquisa brasileira em geografia (Martins, 2007; Pedrosa, 2012; Zadorosny, 2019), que desdobrou o debate ontológico sobre o espaço na disciplina sob forte influência, embora não exclusiva, da *Ontologia do Ser Social* do filósofo marxista György Lukács (Silva, 1982; 1983), que também

marcou as contribuições de seus orientandos, Antônio Carlos Robert de Moraes (1982) e Ruy Moreira (2001; 2007), à ontologia do espaço³.

A ontologia na Geografia também foi desenvolvida por outro expoente da Geografia crítica, Milton Santos, como atesta a ênfase que é dispensada ao assunto no livro *A Natureza do Espaço*, de 1996, cuja primeira parte é intitulada “*Por uma Ontologia do Espaço: noções fundadoras*”. A primazia dispensada à ontologia do espaço neste livro revela, por sua vez, a importância crescente que a discussão ontológica assumiu ao longo da trajetória do geógrafo, tendo em vista que o tema já havia se manifestado em outros livros de proposição teórico-metodológica do autor, dentre os quais destaca-se uma publicação que também marcou a gênese da renovação crítica, a saber: *Por uma Geografia Nova*, de 1978. Desde então, o assunto precípua da ontologia, o *ser*, passou a ser expressamente considerado, em estreita associação às proposições do geógrafo sobre a natureza do espaço enquanto objeto da geografia:

O Ser é a sociedade total; o tempo são os processos, e as funções, assim como a forma são a *existência*. As categorias fundamentais do estudo do espaço são, pois, a totalidade e o tempo, [...] (Santos, 2008 [1978], p. 218).

A citação acima pode ser considerada como um exemplo, condensado, do perfil da discussão ontológica que se desenvolveu na Geografia Crítica. Trata-se de um viés de pensar a ontologia diretamente marcada pela influência do pensamento marxista, ainda que através de variações internas do marxismo (tão diversas como as obras de H. Lefebvre e G. Lukács). O traço fundamental dessa via da ontologia na Geografia assenta-se, como a passagem acima expõe de modo lapidar, na equivalência entre o *ser* e a sociedade, esposando uma *posição ontológica* básica, qual seja: a determinação social do *ser* (em geral) e, por conseguinte, do *ser* do espaço geográfico.

Sob essa interpretação, Reis, Santos e Silva (2021) propuseram que os trabalhos dedicados à ontologia na Geografia crítica estabeleceram, sobretudo,

³ Nesse sentido, registra-se que, não por acaso, o professor Armando Corrêa da Silva foi orientador de Antônio Carlos Robert de Moraes e Ruy Moreira, este último tendo desenvolvido uma ampla gama de publicações dedicadas à ontologia do espaço na Geografia.

um estatuto de resolução ontológica de amplo alcance na disciplina, segundo o qual o *ser* é a *sociedade*. Esse estatuto pode se manifestar de modo explícito, como evidenciam as citações precedentes, ou implícito. Neste último caso, o referido estatuto vigora em toda orientação teórica debitária da noção de *produção social do espaço*: a centralidade mesma a que esta noção foi alçada na Geografia crítica-marxista corresponde, fundamentalmente, a uma expressão da vigência do estatuto ontológico segundo o qual o *ser* (enquanto tal) e o *ser* do espaço são socialmente determinados (Reis *et al.*, 2021, p. 38). A vigência implícita do referido estatuto, em contribuições filiadas à Geografia crítica, não é, entretanto, impeditivo para que ele seja problematizado, como será visto no que segue, através do caso da *Metageografia*:

Esse caminho, que estamos chamando de metageografia, é a construção dialética de um horizonte de pesquisa em geografia (...) que se delineia, fundamentalmente, a partir de dois elementos: a) **a centralidade da categoria de produção social do espaço**, cuja exigência teórica de se pensar a práxis social como socioespacial a partir da noção de produção/reprodução permite articular teoria e prática; e b) **a tarefa da produção do conhecimento orientada pela categoria de totalidade**, que traz a possibilidade de superar a elaboração do saber no âmbito de uma ciência parcelar, no caso, a Geografia [...] (Carlos *et al.* (orgs), 2018, p. 7, grifos nossos.)

A *Metageografia* se efetiva através da filiação expressa às obras de Marx e Lefebvre, produzindo uma Geografia de inspiração “marxista-lefebvreana” (Carlos *et al* orgs, 2018), constituindo uma manifestação da vitalidade que a Geografia crítica exerce no debate contemporâneo da disciplina. Esta proposta assume expressão na pesquisa brasileira em Geografia - embora não se restrinja a esse contexto - a partir da publicação da *Coleção Metageografia* que integra, entre 2015 e 2018, a publicação de 4 livros (Carlos orgs, 2015; Carlos *et al* orgs, 2015; 2017; e 2018); contudo, desde meado da década de 2000 foram dedicadas publicações à sua elaboração (Carlos, 2004; 2007; 2011), como observou Silva (2024).

A posição da *Metageografia* em relação à ontologia do espaço é trazida à tona, de maneira bastante clara, em estreita associação ao diagnóstico do

momento crítico e de crise que aplaca o debate teórico-metodológico contemporâneo em curso na disciplina:

Nesse momento crítico, a Geografia também permitiu que a preocupação com a construção de uma teoria geográfica conduzisse **à busca da natureza ontológica do espaço como negação quase que total da dimensão real** (Carlos, 2011; p. 146).

A contribuição que a *Metageografia* visa oferecer à superação da crise e do momento crítico, que permitiu que a Geografia se deixasse enveredar em direção à ontologia, está assentado no recurso à filiação ao pensamento marxista que, sob a interpretação que lhe é imputada, encerraria uma matriz filosófica refratária à ontologia:

O pensamento marxista reclama o deslocamento da análise **do plano da ontologia, e também do plano da epistemologia - prisioneiros do mundo abstrato das ideias** - para aquele que articula a teoria (plano da produção do conhecimento como ato de compreensão do mundo) e a prática (práxis) em sua indissociabilidade (Carlos, 2011; p. 27).

Não obstante o caráter assertivo da crítica aguda que a *Metageografia* imputa ao significado da ontologia para a Geografia é preciso salientar que a interpretação imputada na citação acima ao pensamento marxista sobre a ontologia **não é**, como observou Reis (2012), antes de tudo, uma interpretação consensual, no seio do pensamento marxista ou da Geografia crítica⁴ - o que as contribuições ao tema a partir de expoentes e obras insígnes à Geografia crítica, tais como Milton Santos e David Harvey, destacadas acima, permitem reconhecer.

⁴ Para tanto, seria necessário considerar que pensadores marxistas, da estatura de G. Lukács e toda a literatura que ele incitou sobre a ontologia do ser social (N. Tertulian, José Chasin, Sérgio Lessa, etc), que, a propósito, influenciaram diretamente as contribuições - já referidas acima - de geógrafos sobre o tema (Moraes; 1982; Silva, 1982; e diversos textos de Ruy Moreira), teriam extraviado o pensamento marxista (e a Geografia) em direção à uma negação *quase total da dimensão real*, confinando-os *ao mundo abstrato das ideias*. O mesmo juízo deveria ser replicado às incursões no tema da ontologia na disciplina, encetado por expoentes da Geografia crítica e obras decisivas para a formação dessa vertente da Geografia, como observado no caso de David Harvey e Milton Santos.

Contudo, o que se revela mais importante aos propósitos do presente trabalho, consiste em salientar que, a despeito da posição que se possa assumir em relação à influência (mendaz ou producente) que a ontologia exerce na Geografia, a rejeição da *Metageografia* em relação à ontologia se efetiva através de uma posição que espessa - de modo inequívoco - um princípio (fundamento) de determinação sobre os indivíduos (o homem) e, mesmo, sobre as *coisas*: a saber, a *determinação social*, como se revela inequívoco na passagem abaixo:

[...] O ato de produzir é o ato de produzir espaço - isto é, a produção do espaço faz parte da produção das condições materiais objetivas da história humana. Portanto, **o espaço como momento da produção social encontra seu fundamento na construção/constituição da sociedade ao longo do processo histórico como constitutivo da *humanidade do homem*. Assim, não haveria leis do espaço, nem a possibilidade de uma ontologia** do mesmo, posto que sua produção situa-se na totalidade do processo histórico como processo civilizatório, como realidade prática [...]

Assim, podemos inicialmente argumentar que **a necessidade de compreensão do mundo moderno exige [...] compreender que a produção das coisas, mas também dos indivíduos é determinada socialmente** [...] (Carlos, 2011, p. 17 – 18, grifos nossos).

A citação acima torna patente uma constatação que se impõe por ela mesma: ao mesmo tempo em que dispensa uma posição reiteradamente refratária à ontologia, a *Metageografia* reproduz, em essência, o mesmo estatuto de resolução ontológica dos expoentes da Geografia crítica-marxista sobre a ontologia do espaço, isto, pois, a passagem acima veicula **uma determinação teórica expressa** sobre a “natureza/essência” do homem (a “*humanidade do homem*”, “os indivíduos”), extensiva às “...coisas”, qual seja: **a determinação social**. Essa constatação confluí para o cerne do propósito do presente trabalho, não sendo, por isso, redundante repetir uma passagem já citada no início do texto, porquanto permite problematizar frontalmente a *Metageografia* enquanto tributária de uma interpretação *metafísica*, qual seja:

Toda determinação da essência do homem, que já pressupõe, em si mesma, uma interpretação do ente sem investigar - quer o saiba ou não - a questão [sobre o

sentido] do Ser, é metafísica. (Heidegger, 2009 [1947], p. 37, grifos nossos)

[...] **Ao determinar a humanidade do homem, o humanismo [a metafísica] não só não questiona a referência do Ser à essência do homem.** Ela até impede tal questionamento uma vez que, devido à sua **proveniência metafísica, nem o conhece nem o entende** (Heidegger, 2009 [1947], p. 37, grifos nossos).

Com base na citação acima e, considerando alguma margem, ainda que tênue, acerca da “propriedade” que o filósofo teria em relação ao entendimento do significado de *Metafísica*, bem como em relação à necessidade de retomar a questão sobre o sentido do *ser*, o que se revela é - reitera-se, *em consonância* com o filósofo - a manifestação da vigência inequívoca, na *Metageografia*, de um conteúdo *metafísico* imputado ao homem (*a humanidade do homem, aos indivíduos*), que se estende, igualmente, às coisas e, dentre elas, à concepção do objeto precípua da Geografia, o espaço. Portanto, a vigência do que o filósofo designa enquanto *Metafísica* envolveria, com base no que foi exposto ao longo deste item do trabalho, necessariamente, o perfil prevalente da ontologia do espaço gestado no bojo da Geografia crítica-marxista que se efetiva através de uma determinação social prévia do *ser*, em geral que perpassa a determinação do *ser* do(s) demais entes: o homem, o espaço, a natureza, etc.

Expor a vigência do conteúdo **metafísico** na *Metageografia* - ou do perfil da ontologia do espaço da Geografia crítica-marxista - não dependeria, em última instância, de uma “aderência formal” e subserviente ao modo com o qual um filósofo interpreta, de maneira específica, a *Metafísica*, mas, antes, do quanto as determinações/resoluções de base sobre a inteligibilidade do *ser* do homem (e todos os demais entes, ou “coisas”) foi investigado no âmbito da Geografia crítica-marxista e da *Metageografia*. Nesse sentido cabe questionar: no âmbito dessas vertentes da Geografia foi desenvolvida alguma investigação dedicada à problematização do sentido de *ser* (do homem e/ou do sentido de *ser* em geral), que ampare e/ou justifique as posições esposadas?

No caso da *Metageografia*, tendo em vista sua apreciação acerca da investigação ontológica, é pouco plausível considerar uma resposta afirmativa. Por sua vez, no que se refere à Geografia crítica-marxista, na medida em que a

discussão sobre a ontologia do espaço foi desenvolvida **a partir de uma determinação social do ser**, a necessidade de se desenvolver uma investigação acerca do *ser* do homem e do sentido do *ser* enquanto tal não faz, absolutamente, sentido algum - isto, pois, nessa vertente, todo o debate sobre a ontologia do espaço se desenvolve *a partir do pressuposto segundo o qual o ser é socialmente determinado*.

Como foi observado por Reis e Santos (2019), é sobremodo pertinente nesse momento do texto reproduzir a crítica que Sartre (filósofo que influenciou de modo decisivo o pensamento crítico de Milton Santos), fez aos marxistas, especificamente no que diz respeito à forma com a qual, via de regra, lidam com o significado que Heidegger exerceu no pensamento filosófico do século XX: “*Sim, Lukács tem os instrumentos para compreender Heidegger, mas não há de compreendê-lo porque seria necessário lê-lo, apreender o sentido das frases, uma a uma. Pelo que conheço, não existe nem sequer um marxista que seja capaz de fazê-lo*” (Sartre, 2002 p. 43). E, acrescenta de forma mais cáustica:

É porque eles não conseguem se despojar de si mesmos: recusam a frase inimiga (...) no próprio momento em que desejam abrir-se para ela. Essa contradição bloqueia-os. Não compreendem, literalmente, uma palavra do que leem. **Não repreendo essa incompreensão em nome de não sei qual objetivismo burguês, mas em nome do próprio marxismo: sua rejeição e condenação será tanto mais rigorosa**, sua refutação será tanto mais bem-sucedida na medida em que, antes de tudo, **conhecerem o que condenam e refutam** (Sartre, 2002 [1960], p. 43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito das linhas incisivas de argumentação, o presente trabalho coaduna com a citação que encerra o item anterior, sobretudo no que diz respeito ao sentido positivo da crítica que Sartre resguarda, direcionando-a, aqui, à problemática estrita à Geografia⁵. A indicação da vigência de um conteúdo

⁵ O teor da advertência do filósofo francês, revela-se, por sua vez, ainda mais sensível, quando se constata que ela foi trazida à tona há mais de 60 anos e, nesse largo período de tempo, não somente o diálogo com o pensamento de Heidegger foi redimensionado no debate interno da Geografia, que permitiu extraí-lo da interpretação humanista radicalmente deturpada que esteve submetido, décadas a fio na disciplina (Pickles, 1985; Reis, Santos, 2024), mas, também caberia

metafísico que, em consonância com o pensamento de Heidegger, vigora na ontologia do espaço da Geografia crítica-marxista e se manifesta na posição que a *Metageografia* assume em relação à ontologia, não tem o propósito de incitar uma releitura negativa em relação ao modo com o qual a Geografia crítica-marxista considera o assunto. Ao contrário, ambos os casos expressam posições sobre a ontologia que se desenvolveram na Geografia em consonância com *uma interpretação passível* de ser considerada estritamente consistente com o pensamento marxista - e suas modulações “*lukácsiana*” e *marxista-lefebvreana*.

Essa interpretação sobre o tema, contudo, também não é incólume à possibilidade de lhe ser contraposta uma via distinta de *problematização*. Note-se que a crítica aguda que a *Metageografia* dispensou à ontologia pode ser contraposta ao sentido da crítica, não menos aguda e, não obstante, ao mesmo tempo construtiva, que Sartre dispensou à atitude usual que pensadores marxistas imputam ao pensamento de Heidegger. Se, no presente trabalho, a via de *problematização* desenvolvida obtiver êxito, este último ***não*** deverá ensejar uma leitura depreciativa sobre a ontologia na vertente da Geografia crítica-marxista, mas, de modo diverso, através do contraponto trazido à tona, irá evidenciar a pertinência de incitar uma retomada da investigação sobre a ontologia na Geografia, o quê, dentro dos limites do presente trabalho, precisou se limitar à indicação do benefício eventual que uma via alternativa proveniente de uma filiação filosófica dissonante oferece para revolver posições que, de outro modo, tenderiam - ainda que de forma inadvertida - a uma *estagnação hermenêutica* sobre assuntos caros à disciplina.

Doravante, a referida proposta poderá estimular na Geografia uma via de *problematização* ontológica que disponha à disciplina condições de assimilar uma interpretação do espaço enquanto fenômeno co-originário à dinâmica existencial do ser-aí humano, isto é, à possibilidade - que permanece proto-desenvolvida - da Geografia se dedicar à assimilação da *dimensão radicalmente existencial da espacialidade humana*. Essa via não extrapola o escopo da

register publicações de geógrafos que trouxeram à tona a influência, insuspeita (na doxografia da história do pensamento geográfico) que Heidegger exerceu, ainda que de modo tão inequívoco quanto complexo - sobre Lefebvre, como revela a contribuição do geógrafo Stuart Elden, no livro *Understanding Henri Lefebvre*.

investigação científica na Geografia em favor do questionamento filosófico *per se*, como buscaram demonstrar Reis e Santos (2024)⁶, se a meta da investigação ontológica for direcionada para uma *Geografia fenomenológica em bases ontológico-existenciais* a partir de um diálogo renovado com Heidegger - o que, a propósito, já havia sido considerado, desde meados da década de 1980, como um projeto exequível para a disciplina (Pickles, 1985; p. 170).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004. 123 p
- CARLOS, A. F. A geografia crítica e a crítica da geografia. Scripta Nova - **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Barcelona**, v. 11, n. 245(3), p. 12, 2007.. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24503.htm>. Acesso em: 05 dez. 2025.
- CARLOS, A. F. A. **A Condição Espacial**. São Paulo: Editora Contexto. 2011. 151 p.
- CARLOS, A. F. A. (org.). **Crise Urbana**. São Paulo: Contexto, 2015a. 192 p.
- CARLOS, A. F. A.; VOLOCHKO, D.; ALVAREZ, I. P. (org.). **A Cidade Como Negócio**. São Paulo: Contexto, 2015b. 272 p.
- CARLOS, A. F. A.; ALVES, G.; PAULA, R. F. de (org.). **Justiça Espacial e o Direito a Cidade**. São Paulo: Contexto, 2017. 192 p.
- CARLOS, A. F. A.; SANTOS, C. S.; ALVAREZ, I. P. (org.). **Geografia Urbana Crítica**: teoria e método. São Paulo: Contexto, 2018. 160 p
- CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. 7^a ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- ELDEN, S. Between Marx and Heidegger: Politics, Philosophy and Lefebvre's The Production of Space. **Antipode**, UK, v. 36, p. 86-105. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8330.2004.00383.x>.
- HARVEY, D. **A justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 8^o. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

⁶ (cf - capítulo 5).

HEIDEGGER, M. **Sobre o Humanismo**. 3º. ed. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2009.

JORONEN, M. **The Age of Planetary Space**: On Heidegger, Being, and Metaphysics of Globalization. 2010. 227f. Tese (doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de Turku, 2010.

MARTINS, E. R. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 1, p. 33–51, 2007. DOI: [10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74047](https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74047).

MORAES, A. C. R. Em busca da ontologia do espaço. In: MOREIRA, R. **Geografia**: teoria e crítica. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. 21ª Ed. São Paulo: ANNABLUME, 2007. 152 p.

MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 2007. 188p.

MOREIRA, R. Marxismo e geografia (A Geograficidade e o diálogo das Ontologias). **GEOgraphia**, Niterói, v. 6, n. 11, 2009. DOI: [10.22409/GEOgraphia2004.v6i11.a13466](https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2004.v6i11.a13466).

PEDROSA, B. V. A Geografia Crítica Brasileira e o Debate Sobre Ontologia do Espaço: uma Aproximação. **Geografares**, Vitória, Brasil, n. 11, p. 139-168, 2012. DOI: 10.7147/GEO11.1771. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1771/>.

PICKLES, J. **Phenomenology, science and geography**: spatiality and the human sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

REIS, L. C. T. Ontologia da Produção do Espaço na Geografia: Uma abordagem do Tema Através do Diálogo entre Milton Santos e Heidegger Sobre a Técnica. **Geografares**, Vitória, Brasil, n. 13, p. 01–39, 2012. DOI: [10.7147/GEO13.4128](https://doi.org/10.7147/GEO13.4128).

REIS, L. C. T.; SANTOS, J. M. O resgate da investigação ontológica na geografia através da fenomenologia-hermenêutica de Martin Heidegger. **Para Onde!?** Porto Alegre, v. 12, n.1, p. 173-190, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-0003.94154>.

REIS, L. C. T.; SANTOS, J. M. **Geografia e Fenomenologia**: O extravio da assimilação humanista de Martin Heidegger. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2024.

REIS, L. C. T.; SANTOS, J. M; SILVA, A. C. C. Geografia em bases ontológico-existenciais através da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger: o significado

do existencial ser-em . **Geografares**, Vitória, Brasil, v. 1, n. 33, p. 33–59, 2021.
DOI: [10.47456/geo.v1i33.37132](https://doi.org/10.47456/geo.v1i33.37132).

SANTOS, M. Por Uma Geografia Nova. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2008 [1978].

SARTRE, J-P. Crítica à Razão Dialética. Rio de Janeiro: DP&A Ed. 2002 [1960].

SILVA, A. C. C. A investigação fenomenológica da ontologia do espaço na Geografia: uma problematização com a metageografia. 2024. 25 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Departamento de Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.

ZADOROSNY, L. A Dimensão Ontológica na Geografia: um paralelo entre o horizonte da crítica-radical e o pensamento de Heidegger. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. UFES, Vitória, 2019.

Como citar este artigo:

REIS, Luis Carlos Tosta dos; Silva, Akylla Cozer Chiabai. *Espaço, Metafísica & Geografia: um contraponto producente entre a Metageografia e Heidegger.* **GEOGRAFIA**, Rio Claro-SP, v. 50, n. 1, e-19644, 2025. DOI:
<https://doi.org/10.5016/geografia.v50i1.19644>

Recebido em 04 de setembro de 2025
Aceito em 01 de dezembro de 2025